

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DOS ESTUDANTES GUINEENSES NA UNILAB: ANÁLISE DO PROJETO DE EXTENSÃO 'KABAZ DI TERRA' DANÇAS E RITMOS TRADICIONAIS DA GUINÉ-BISSAU

CULTURAL MANIFESTATIONS OF GUINEA-BISSAU STUDENTS AT UNILAB: ANALYSIS OF THE EXTENSION PROJECT 'KABAZ DI TERRA' TRADITIONAL DANCES AND RHYTHMS OF GUINEA-BISSAU

Submissão:
17/03/2023
Aceite:
19/04/2023

Antonio Gislailson Delfino da Silva ¹  <https://orcid.org/0000-0002-3387-9109>
Lourenço Ocuni Cá ²  <https://orcid.org/0000-0002-9080-0452>

Resumo

O presente artigo foi desenvolvido com base no projeto de extensão *Kabaz di Terra: Danças e ritmos tradicionais da Guiné-Bissau*, vinculado a Pró-reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX) e tem como objetivo apresentar as principais ações de extensão promovidas pelo projeto na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e a sua relação com a comunidade externa. Para efeito de realização deste trabalho, tem-se como abordagem qualitativa a partir de uma análise bibliográfica/documental. A partir das ações apresentadas pelo projeto, constatou-se que a iniciativa contribui/contribuiu para fortalecer os laços de integração na Unilab, através das culturas, por outro lado, na comunidade externa, ajuda a desconstruir um imaginário negativo sobre o continente africano e da Guiné-Bissau, visto na maioria das vezes, como exótico e selvagem, esquecendo/desconhecendo das riquezas culturais existentes no país.

Palavras Chave: Guiné-Bissau; Cultura; Unilab; Integração

¹ Doutorando em Estudos Africanos - Instituto Universitário de Lisboa - ISCTE- IUL antonioislailson@gmail.com

² Professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB ocuni@unilab.edu

Abstract

This article was developed based on the extension project “Kabaz di Terra: Dances and traditional rhythms of Guinea-Bissau”, linked to the Dean of Extension, Art and Culture (PROEX) and aims to present the main extension actions promoted by the project at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (Unilab) and its relationship with the external community. For the purpose of carrying out this work, a qualitative approach is taken from a bibliographical/documental analysis. From the actions presented by the project, it was verified that the project contributes/contributed to strengthen the ties of integration in Unilab, through cultures, on the other hand, in the external community, the project helps to deconstruct a negative imaginary about the African continent and from Guinea-Bissau, most often seen as exotic and wild, forgetting/ignoring the cultural riches existing in the country.

Keywords: Guinea-Bissau; Culture; Unilab; Integration

Introdução

24 de setembro de 2019, na Unilab - Campus da Liberdade, após uma comemoração alusiva à independência da Guiné-Bissau, estudantes guineenses dos cursos de Letras-Língua Portuguesa, Humanidades e Administração Pública se reuniram com o intuito de criar um grupo que realizasse atividades contínuas, com o objetivo de divulgar, valorizar e reconhecer as culturas da Guiné-Bissau. Assim, inicialmente com 6 participantes, surge oficialmente o Grupo *Kabaz di Terra*, vinculado ao projeto de extensão Uniculturas: Unidos pela Integração. Referente ao nome, a cabaça (*kabaz/cabaz*) é uma fruta cuja forma se assemelha à pera. Na sociedade guineense, a cabaça tem um valor simbólico muito importante e é utilizada em diferentes circunstâncias e localidades. O jeito de usá-la é extremamente rápido e faz com que sejam produzidos sons que provocam várias danças; muitas delas são mais apropriadas a momentos específicos, como, por exemplo, para rituais, cerimônias tradicionais e fúnebre. Porém, paulatinamente, elas estão sendo inseridas na música moderna do país. Assim, pelo valor simbólico que a cabaça dispõe para nós guineenses, decidimos escolher o nome *Kabaz di Terra*, por pertencermos à mesma nação.

A partir de então, o grupo passa a atuar em várias atividades realizadas pela Unilab e pelo grupo, buscando atender às diretrizes da Unilab. O grupo expande suas atividades para as escolas do Maciço de Baturité e para a capital Fortaleza, além de outros equipamentos públicos dos municípios, como museus, teatros e feiras. Assim, o projeto visa fortalecer os laços de integração na Unilab, através da cultura. Conforme destaca Silva (2020, p. 104), “nos corredores da Unilab é comum encontrar diferentes nacionalidades, com seus costumes e manifestações étnico-culturais e linguísticas diversas. Desde a diversidade dos vestuários e ritmos de danças, até mesmo das línguas”. Assim, acredita-se que a metodologia e as ações adotadas e desenvolvidas ajudem a concretizar o desejo de integração, ainda em fase de consolidação na Unilab, e em torno dela.

É importante destacar que o que fundamenta as ações do projeto *Kabaz di Terra* é a necessidade de desconstruir um imaginário negativo sobre o continente africano e da Guiné-Bissau, visto na maioria das vezes, como exótico e selvagem, esquecendo, assim, das riquezas culturais existentes nos países africanos. Por outro lado, a motivação dos/as participantes do projeto está relacionada com a questão cultural, sendo que, ainda na Guiné-Bissau, esses/as estudantes já faziam parte de grupos de danças e músicas nos seus respectivos bairros. Nesta proposta, arte e política estão lado a lado,

objetivando reconhecer e valorizar a diversidade cultural existente na Guiné-Bissau e o talento dos/as estudantes guineenses, considerados/as aqui como “embaixadores” do país na Unilab e, por outro lado, buscando desmistificar as narrativas negativas e eurocêntricas em torno do continente africano.

O presente artigo está dividido em três partes. A primeira parte é uma breve caracterização sobre os estudantes guineenses na Unilab. A segunda parte é dedicada à Guiné-Bissau e suas representações culturais e, por fim, a terceira parte foca nas atividades do projeto *Kabaz di Terra*; metodologia de trabalho e sua relação com a universidade e a comunidade externa.

Estudantes guineenses na Unilab: breve caracterização

Em 20 de julho de 2010, no Palácio do Itamaraty, em Brasília, o atual Presidente da República do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, através da sua gestão anterior (2003-2010), sancionou a Lei nº12.289/2010, instituindo a Unilab como universidade pública federal, a segunda do estado do Ceará, onde, até então, existia apenas a Universidade Federal do Ceará (UFC). A Unilab abriu as portas no dia 25 de maio de 2011. É interessante salientar que a presente data nos traz um contexto devidamente pensado: 25 de maio é o Dia da África. A Unilab nasce baseada nos princípios de cooperação solidária entre os países que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)¹, principalmente entre o Brasil e os países africanos dessa comunidade, com o objetivo de oferecer cursos de nível superior que atendam às necessidades dessas nações em uma cooperação que ficou conhecida como Sul-Sul². O governo brasileiro justifica que o projeto procura resgatar uma dívida histórica do Brasil com nações africanas e ao mesmo tempo eleva o país a uma situação de liderança dentro do grupo em um processo globalizante.

Segundo Gomes (2013, p.85), a Unilab é uma instituição com atuação caracterizada pela cooperação internacional, pelo intercâmbio acadêmico e solidário com os países membros da CPLP, especialmente os países africanos: “Esta não é uma missão simples; ao contrário, reveste-se de grande complexidade, em termos concretos e simbólicos” (p.85). Compreende-se que, unir países africanos e um país do continente asiático (Timor-Leste) nos municípios do interior do Ceará e da Bahia é de fato um empreendimento grandioso e que passa por tensões. Nesse aspecto, destaca-se a questão da convivência entre docentes e discentes, técnicos administrativos e população local, em um espaço de desafios, diferenças, conquistas, conflitos e, acima de tudo, superações. A Unilab busca colocar em prática o seu objetivo – a integração.

No que diz respeito à internacionalização, até o ano de 2022 a Unilab contava com 1.261 estudantes internacionais matriculados nos cursos de graduação presencial, sendo 442 estudantes de Angola, 27 de Cabo Verde, 672 da Guiné-Bissau, 78 de Moçambique, 40 de São Tomé e Príncipe e 2 de Timor-Leste. Assim, nota-se que estudantes da Guiné-Bissau são maioria na Unilab.

Silva (2016) desenvolveu uma pesquisa sobre a presença dos estudantes guineenses na Unilab, buscando analisar os fatores que motivaram e influenciaram a escolha dos estudantes pelo Brasil e Unilab. Assim, o autor concluiu que:

A escassez na oferta de uma formação de qualidade, ocasiona um êxodo da população jovem

¹A comunidade dos Países de Língua Portuguesa foi criada em 17 de julho de 1996, em Lisboa, e é constituída por nove Estados-membros (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Portugal, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste).

² Sobre a cooperação Sul-Sul, ver os trabalhos de Leite (2011), Rizzo (2019), Malomalo (2015) e Visentini (2010).

para a capital da Guiné-Bissau; o fato demonstra o baixo investimento público nas infraestruturas deste setor em todo país, as demandas relacionadas ao tema não encontram resposta no poder público e nas iniciativas privadas, o que se caracterizou como uma das principais motivação do deslocamento, e consequente saída, destes estudantes da Guiné-Bissau para o Brasil e outros pontos do mundo (SILVA, 2016, p. 107).

Um dos fatores que motiva o deslocamento dos estudantes guineenses para o Brasil e demais países diz respeito à precariedade do ensino superior na Guiné-Bissau. No que diz respeito ao ensino superior guineense, Silva (2021, p.30) faz uma breve caracterização do ensino superior na Guiné-Bissau pós-independência, onde diz que “o surgimento e a evolução do ensino superior na Guiné-Bissau passaram por várias etapas até se materializar. Apenas depois da Independência, em 1973, o país começou a se preocupar com a questão universitária”. Esse início tardio deu-se por vários fatores, dentre os quais estão as consequências do colonialismo.

Sani (2013 *apud* Silva, 2021, p. 35) destaca que a situação colonial pouco se preocupou em criar oportunidades de o país desenvolver um ensino de qualidade para todos/as, “porque a boa parte dos guineenses era negado o acesso àquilo que é considerado um valor fundamental da sociedade humana: a educação escolar”. A política adotada pelos colonizadores era de “adormecer” os nacionais, elitizando o acesso à escola, fazendo com que não tivessem senso crítico e que não se dessem conta da exploração que estava acontecendo no país.

Nesse contexto, mesmo pós-independência, nota-se que a Guiné-Bissau viria a enfrentar dois grandes desafios: o primeiro diz respeito à erradicação de um sistema de ensino ainda colonialista, ou seja, a necessidade de uma reformulação no currículo; o segundo, diz respeito à busca de estratégias e formas de investir na educação, em particular na educação superior, haja vista que se iniciou tardiamente a implantação dessa modalidade de ensino no país. (SILVA, 2021, p.32).

Quanto à escolha do Brasil como espaço de formação, Silva (2016, p.107) destaca que as políticas de cooperação e aproximação com os países africanos nos âmbitos político, econômico e cultural, levadas a cabo pelo governo brasileiro na gestão do presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003 a 2010), favoreceram a escolha destes estudantes, impulsionada por uma pretensa facilidade linguística, isto é, terem o português como uma língua comum. Ao lado destes fatores, a aproximação geográfica e cultural entre os dois países (Guiné-Bissau e Brasil) indica uma facilidade de intercâmbio, o que se demonstrou ser um fator positivo a mais, na escolha do Brasil como a “segunda casa”.

Quanto ao perfil dos estudantes, através dos dados disponibilizados no portal da Unilab “*Unilab em números*”, no ano de 2022, 672 estudantes estavam matriculados nos cursos de graduação e 11 nos cursos de pós-graduação. A maioria com uma faixa etária de 20 a 29 anos, sendo a maioria do sexo masculino (57%) e matriculados nos cursos de Bacharelado em Humanidades, Administração Pública, Agronomia, Letras-Língua Portuguesa e Engenharia de Energias, Engenharia de Computação, Biologia, Química, Matemática, Física, Enfermagem, Farmácia etc.

No que diz respeito às manifestações culturais dos estudantes africanos na Unilab, em particular dos estudantes guineenses, Silva (2020) destaca que os/as estudantes mantêm vínculos com a África através de comemorações festivas e celebrações especiais, como, por exemplo, a Semana de África e Comemorações das Independências. Além disso, na universidade, “esses estudantes organizam e participam de encontros relacionados ao continente africano, festas e outras atividades sociais e culturais visando divulgar a imagem do país e do continente, que, na maioria das vezes, é visto como um lugar estranho e exótico”. (p. 105)

Nesse contexto, os estudantes mantêm o vínculo com o país de origem através de vários eventos: Festival das Culturas, Semana de África, Semana das Independências, além de atividades realizadas pela Associação dos Estudantes Guineenses da Unilab – AEGU e através de atividades desenvolvidas pelos projetos de pesquisa e extensão, como é o caso do Projeto Uniculturas e Projeto *Kabaz di Terra*. Portanto, as atividades não se delimitam, apenas, à universidade, pelo contrário, os/as estudantes “buscam “desmitificar” as imagens negativas sobre o continente africano fora da Unilab, levando para a comunidade externa atividades acadêmicas e culturais, não se limitando apenas na universidade” (Silva, 2020, p.107).

Foto 1: Apresentação cultural do projeto *Kabaz di Terra* na Unilab



Fonte: Arquivo do projeto

Guiné-Bissau e suas manifestações culturais

A Guiné-Bissau é um país que possui um património cultural bastante rico e diversificado. As diferenças étnicas e linguísticas produziram grande variedade a nível da dança, da expressão artística, das profissões, da tradição musical, das manifestações culturais. É um país multilíngue, constituído por mais de 22 línguas étnicas, tais como: *Balanta, Fula, Mandinga, Manjaco, Pepéis, Biafadas, Brames, Bijagós* etc. Além de todas essas línguas, a mais falada em todo o território é a língua *Kriol/guineense*, sendo que, em qualquer aldeia ou tabanca do país, sempre que alguém chega, tem uma ou mais pessoas que falam ou entendem a língua *Kriol/guineense*, diferente do português que é considerada a língua oficial do país, porém pouco expressiva³. A Guiné-Bissau está dividida por oito regiões administrativas que são: *Bafatá, Biombo, Gabú, Oio, Cacheu, Quínara, Tombali, Bolama-Bijagós* e um setor autónomo de *Bissau* (SANI, 2012). Além disso, o país ainda é constituído por uma parte

³ Sobre a questão linguística na Guiné-Bissau, ver “O Desafio do Escombros: nação, identidade e pos-colonialíssimo na literatura da Guiné-Bissau”, da autora Moema Parente Augel.

continental e outra insular, o Arquipélago de Bijagós, com cerca de 88 ilhas, ilhotes e ilhéus, sendo que a maioria não é habitada.

De acordo com o autor acima citado, a Guiné-Bissau possui herança cultural, rica e diversificada. As diferenças étnicas e linguísticas produziram grande variedade na dança, na expressão artística, na tradição musical e nas manifestações culturais. A dança é, contudo, uma verdadeira expressão artística dos diversos grupos étnicos. Os povos animistas caracterizam-se pelas belas coreografias e fantásticas manifestações culturais que podem ser observadas em diversas ocasiões como: colheitas, casamentos, funerais e cerimônias de iniciação e o estilo musical mais importante é o *gumbé*. O *gumbé* é um gênero musical que nasceu da junção de alguns ritmos tradicionais da Guiné-Bissau como o *Tina*, *Tinga*, *Brocxa*, *Kussundé* (da etnia *Balanta*), *Djambadon* (*Mandinga*) e *Kunderé* (*Bijagós*). O instrumento principal desse ritmo é a cabaça ou, na língua *kriol/guineense*, cabaz. Atualmente, na Guiné-Bissau, muitos artistas contribuem para a evolução do *gumbé*, tais como: Manecas Costa, Justino Delgado, Rui Sangará, a Banda musical Tabanka Djaz, Maio Copé, Dulce Neves, dentre outros. A Guiné-Bissau é um país com diversidades étnicas e culturais, cada etnia tem sua língua, costumes e sua forma de viver. Grupos étnicos ou etnias pode-se dizer que são um grupo de pessoas ligadas por um complexo de caracteres comuns ou que têm algo em comum, como antropológicos, linguísticos, político-históricos, os quais constituem o seu próprio sistema, com uma estrutura basicamente cultural que, por suavidade, serve para todos que pertencem àquela etnia.

Uma etnia é uma entidade que se define por características próximas das que habitualmente caracterizam uma Nação ou civilização. Porém, distinguem-se, sobretudo, porque a Nação tem uma componente política bastante mais acentuada, enquanto a civilização implica uma expansão cultural mais vasta. (PINTO, 2009. p.33).

Ao levar esse conceito no território guineense, onde existem mais de duas dezenas de línguas étnicas, pode-se perceber que esse conceito se encaixa muito bem, sem esquecer que cada uma dessas etnias existentes nesse território tem a sua cultura, costumes ou tradições, o que as diferencia das outras. Para tanto, no contexto guineense, cada etnia presente encontra-se integrada nestas duas realidades socioculturais — a nação guineense e a civilização da África Negra.

No território guineense, o período em que há maior representação cultural ou étnicas é na época do Carnaval, a maior manifestação cultural na Guiné-Bissau, quando os povos guineenses de diferentes regiões do país apresentam a diversidade cultural de cada grupo étnico através do desfile nacional organizado pelo governo guineense.

O termo carnaval é de origem europeia. Na religião católica, o carnaval é festa de carne, mas na Guiné-Bissau assume uma característica única e ainda é uma festa bastante popular. Para Justine Guillet (2014) *apud* Gabarra e Focna (2019, p.125), “o carnaval na Guiné-Bissau é uma mistura das identidades social, cultural e artística, nele comemora-se a união entre todas as etnias do país e, ao mesmo tempo, as diferenças culturais entre elas”. O carnaval na Guiné-Bissau tem um conceito muito forte no que tange à política, bem como à exaltação da diversidade nacional e da identidade nacional.

O carnaval da Guiné-Bissau é um momento único de levantar a bandeira do país e celebrar a *Guineendadi/e*. Para Té (2017, p.18), o carnaval é “uma festa de muita aglomeração folclórica e de um povo que abraça e faz com que haja inúmeras pessoas nas ruas com vestuários tradicionais. As pessoas dançam nos ritmos de tina, tambor, palmas sikó, bombolom, balafon, corá, djidius, e pintam pitos nas avenidas”. Assim sendo, considera-se que o carnaval é um momento de demonstrar os traços culturais, usos e costumes de cada etnia.

Outras manifestações culturais fazem parte do cotidiano guineense, em momentos importantes como o casamento, funerais, nascimentos, cerimônias de iniciação e etc. O *toca tchur* (tocar o choro), segundo Silva (2018), “é o nome que se dá à cerimônia em que familiares e amigos se juntam para relembrar o falecido. Normalmente o *toca tchur* envolve cantigas e músicas tocadas com vários instrumentos de percussão: balafon e tambur, por exemplo” (p. 164).

As danças como identidade do povo Balanta “Brasa” (*Kussunde, Kanta pó e Broska*)

De acordo com o Sia (2016), a etnia *Brasa (Balanta)* é um dos maiores grupos étnicos, com maior número de falantes e com aldeias nas diferentes partes do território guineense. No entanto, o povo *Brasa* tem muita semelhança na sua organização social com a etnia *Beafada* e os *Nalus*, apesar de os *Beafadas* e *Nalus*, alguns deles serem islamizados e *brasa* pertence à religião de matriz africana. A *Brasa* possui a sua formade política diferenciada das outras etnias.

Os povos Brasa que hoje é denominado “Balanta” são um grupo étnico predominante na Guiné-Bissau espalhado por diferente parte do país, sendo assim, o nome Balanta surgiu quando os Brasa recusaram submeter à opressão dos povos Mandinga e, em língua mandinga o termo balanta significa os que não permitem a submissão, ou seja, os que não admitem ser subjugados e rebelde (CARREIRA, 1959; CAMMILERI, 2010, p.17 apud SIA 2016, p.26).

Segundo RITH (2013 apud SIA, 2016.p.28), “os *Brasa* estão divididos em dois grandes sub-grupos principais: os de *Kuntoe* e os de *Nhacra*, este conhecido como *Buúngue* ou de fora. Os *Brasa de Nhacra* migram mais, em comparação aos de *Kuntóe*”.

Os Brasa têm uma linhagem patrilinear, apesar de tanto o tio materno quanto a tia materna terem muitas regalias e atribuições quanto aos/as seus/suas sobrinhos/as; estes têm por direito educá-los desde os cinco anos até a vida adulta e, se for uma menina, a tia materna é que irá educá-la e oferecê-la em casamento para qualquer pessoa da moransa (um conjunto de casas de um clã patrilinear), até mesmo para o seu marido, caso este tenha algum interesse nela. No que concerne ao menino, é o tio materno que decide quando este deve tornar-se um land dâg, ou seja, é o tio materno que toma a dianteira na sua decisão de ir ou não ao fanado, com o intuito de tornar-se um homem feito para poder participar do Órgão Comunitário (SIA, 2016, p.28).

A dança desempenha um papel muito relevante na sociedade guineense, sendo assim, a *Dança do Kussunde* é uma dança que se faz através de uma competição entre diferentes grupos de jovens de uma determinada *tabanka (aldeia)*. Para SIA (2016, p.36), “o *Kussunde* serve para comemorar a festa da colheita do arroz por meio da euforia e do entretenimento, para dar visibilidade à *tabanka* e poder deslumbrar as outras *tabankas*. Faz-se normalmente quando há abundância de alimento. Os povos *Brasa* realizam esta dança do *Kussunde* paramanifestar um ano de fartura, mostrando o agradecimento aos seus ancestrais e aos seus *Irãs* (forças sobrenaturais) pelas suas piedades e proteções para suas *tabankas*.”

O *Kussunde* é uma das danças mais importantes entre os *Brasa*, porque está associado aos espíritos sobrenaturais e cada grupo procura um adivinho para fazer pactos a fim de vencê-lo”, (SIA, 2016, p.36). Por outro lado, de acordo com CAMMILLERI, 2010, apud SIA, 2016, p. 36), esta dança do *Kussunde* foi criada pelo primeiros antepassados *Balanta* guineenses e até hoje esta dança é criada

para partilhar as ideias e amizades entre povoadores das aldeias, para mostrar os talentos das novas gerações, organizada sob a responsabilidade do chefe dos *blufo ndan* (blufu bindãg):

Cada grupo da dança tem um chefe que o representa e cabe aos chefes de *blufu bindãg* marcar uma reunião de grupos constituintes. Os chefes de grupos constituintes incentivam os seus membros para cotizar dinheiro a fim de irem a umbalobeiro, ou seja, a um adivinho. Além disso, os *blufu bindãg*, *n'ghaies*, e sobretudo *n'kuman* são responsáveis por estruturar o local de estadia dos hóspedes e por manter a ordem para que tudo possa ficar impecável, com o intuito de agradar os espectadores. Os jovens grandes têm por costume ir para a tabanka do adversário para solicitar a dança do *Kussunde* (SIA, 2016, p.36).

Metodologia de ação do projeto

Para o desenvolvimento das atividades do projeto, em um primeiro momento, são realizados encontros de formação com os membros, com o intuito de terem um conhecimento mais teórico sobre as áreas em que o *Kabaz di Terra* atua; são elas: danças, oficinas, música, gastronomia, tranças e penteados africanos e dentre outros. É importante manter, nesse aspecto, a relação teoria-prática, sendo que os membros poderão fazer uma reflexão crítica sobre o contexto em que estão inseridos e, também, sobre o contexto do país de origem – Guiné-Bissau. Cada encontro tem uma temática específica sobre as áreas de atuação, buscando sempre articular e partilhar os saberes, seja do Brasil, ou da Guiné-Bissau e demais países da CPLP.

Referente à parte mais prática, o bolsista e os demais estudantes de graduação que fazem parte do grupo organizam atividades, cursos, oficinas e realização de eventos. Nas oficinas, que são realizadas na Unilab e na comunidade externa, os membros buscam sempre pautar pela integração. As oficinas realizadas na Unilab têm um número de vagas reservadas para a comunidade externa e as oficinas realizadas na comunidade externa têm um número de vagas para a comunidade *Unilabiana*. Ainda, sobre as oficinas, os interessados realizam previamente a sua inscrição.

Com o intuito de se inserir nas comunidades, o projeto busca trabalhar e dialogar com projetos que já estão atuando nas cidades vizinhas, possibilitando assim a realização de atividades em parceria com os demais projetos da Unilab como, por exemplo, PIBID, PIBIC, estágios supervisionados, residência pedagógica.

Quanto às apresentações culturais, o projeto recebe convites para realizar apresentação em diferentes atividades na Unilab e na comunidade externa. Assim, os membros analisam o convite com antecedência e caso tenham disponibilidade, confirmam a presença na atividade/evento.

O projeto *Kabaz di Terra* e a sua relação/importância com a Unilab e com a sociedade.

Kabaz di Terra foi criado em 2019, por estudantes guineenses de diferentes cursos da Unilab, do Estado do Ceará com o intuito de divulgar, reconhecer e valorizar a(s) cultura(s) guineense na diáspora. A Guiné-Bissau é um país da África Ocidental e possui mais de duas dezenas de grupos étnicos representativos, grupos estes distribuídos nas oito regiões do país, incluindo a capital Bissau. Cada grupo possui sua língua, cultura, costumes e vivências próprias. Nessa perspectiva, com o objetivo de divulgar essa diversidade cultural, o grupo *Kabaz di Terra* realiza ações e atividades pautadas na valorização e, também, na integração com as demais nacionalidades presentes na Unilab. O *Kabaz*

di Terra é composto por: apresentações de danças típicas da Guiné-Bissau (*tina, gumbé, balafón, jambadon*, etc); oficinas de danças; língua crioula/guineense; oficina de pratos típicos da Guiné-Bissau; tranças africanas e realização de minicursos sobre a história da Guiné-Bissau.

A comunidade em torno da Unilab, ou seja, a comunidade externa, é um espaço e um palco privilegiado de realização e atuação do projeto *Kabaz di Terra*. Como bem sabemos, a Universidade e a comunidade externa devem atuar lado-a-lado. Ora, uma das estratégias que a universidade utiliza para a formação de um profissional cidadão é baseada na efetiva relação recíproca do acadêmico com a comunidade, seja para se situar historicamente, para se identificar culturalmente ou para referenciar sua formação com os problemas que um dia terá que enfrentar (BRASIL, 1999). Fernandes *et al.* (2012) destaca que a relação mais direta entre universidade e comunidade é proporcionada pela extensão universitária, entendida como um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que, sob o princípio da indissociabilidade, promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade.

Nessa perspectiva, e ciente que a universidade, através da extensão, influencia e também é influenciada pela comunidade, ou seja, possibilita uma troca de valores entre a universidade e a comunidade externa, a extensão universitária deve funcionar como uma via de duas mãos, em que a universidade leva conhecimentos e/ou assistência à comunidade e também aprende com o saber dessas comunidades. Assim, o *Kabaz di Terra* possui esse compromisso com a comunidade externa, principalmente no sentido de divulgar a riqueza cultural do continente africano e da Guiné-Bissau, com a possibilidade de desconstrução do imaginário mediático negativo que há sobre o continente africano. Por outro lado, é uma oportunidade de a comunidade externa conhecer e “quebrar” esse muro que divide a universidade da comunidade.

Segundo Correa (2003), a relação entre a universidade e a sociedade deve ser transformadora. Assim, acreditamos que, através das atividades e oficinas, a comunidade externa conhecerá mais sobre a cultura africana, em especial a guineense.

De fato, o fortalecimento da relação universidade/sociedade prioriza a superação das condições de desigualdades e exclusão existentes. Através de projetos sociais, a universidade socializa seu conhecimento e disponibiliza seus serviços, exercendo sua responsabilidade social, ou mesmo sua missão: o compromisso com a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos (NUNES; SILVA, 2011). Nessa lógica, acreditamos que a relação do projeto *Kabaz di Terra* e comunidade externa, ajuda no combate às múltiplas práticas de preconceitos, racismo e discriminação sofridas pelos estudantes africanos na Unilab e na comunidade externa. É, nesse contexto, que concordamos com Maciel (2017) quando trata que os usos educacionais e culturais, quando se estendem às escolas da rede pública do *Maciço de Baturité* é a melhor oportunidade para combater os preconceitos e estereótipos em relação à cor da pele dos estudantes africanos, ao cabelo, às vestimentas, além da desinformação sobre a diversidade cultural do continente africano. Através das atividades de extensão do *Kabaz di Terra*, a comunidade externa conhecerá uma outra “África”.

Foto 2: Projeto de extensão *Kabaz di Terra* no Festival das Cultural da Unilab



Fonte: Arquivo do projeto

Relação do projeto com as diretrizes da universidade

Como bem sabemos, a Unilab tem como missão produzir e disseminar o saber universal, de modo a contribuir para o desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil e da CPLP, estendendo-se progressivamente a outros países do continente africano, por meio da formação de cidadãos com sólido conhecimento técnico, científico e cultural e comprometidos com a necessidade de superação das desigualdades sociais. Assim, a Unilab está vocacionada na integração e internacionalização e interiorização. O objetivo do *Kabaz di Terra* é a integração.

Conforme bem destaca Silva (2020):

A presença de estudantes africanos/as na Unilab, com diferentes culturas e costumes, seja na língua, no sotaque, no vestuário, na dança e na música representa um momento único de troca de conhecimento e saberes. Cada país representa uma oportunidade única e inexplicável de se interagir e conhecer “os de lá”, mesmo estando “aqui”, pois depara-se diariamente com estudantes africanos/as no Restaurante Universitário, nas salas de aulas, biblioteca, espaço de convivência e, até mesmo, na vizinhança. Por consequência, diariamente nota-se que um dos objetivos da Unilab – integração – está se concretizando, mesmo que a passos lentos (p. 113).

Logo, acreditamos que as atividades do projeto, pautadas na integração, estará relacionada com as diretrizes da Unilab, haja vista que, através das atividades, é possível integrar e unir pessoas, compartilhando um pouco de cada cultura e costume. Destacamos também que as atividades do grupo estão relacionadas com o ensino, pesquisa e extensão. De fato, de acordo com a atual representante do projeto, a estudante Deonesa Alberto Mango: “*eu acredito que as ações do projeto Kabaz di Terra incentivam a integração na Unilab, sendo que, nas nossas oficinas de danças, participam estudantes de várias nacionalidades e também professores brasileiros*”., logo, nota-se que o projeto contribui, sem dúvidas, para uma melhor integração entre os estudantes e professores africanos com os estudantes e professores brasileiros

Foto 3: Participação do projeto na recepção dos estudantes novatos da Unilab



Fonte: Arquivo do projeto

Foto 4: Participação do projeto no 28º Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga

28º FESTIVAL NORDESTINO DE TEATRO DE GUARAMIRANGA 2022

PLU-INDO
10a-17-Set
Guaramiranga-CE

UNILAB CULTURAL

KABAZ DE TERRA

PROJETO UNICULTURAS

SAB / 10.SET
19h30min /
Praça do Teatro Municipal
Classificação Etário: Livre

AGRADECIMENTO: enel
CONSULTORIA: QUITANDA
APOIO: GUARAMIRANGA UNILAB
PARCERIA: Fecomércio Seneac
REALIZAÇÃO: AGUA ANCS
APOIO INSTITUCIONAL: CEARÁ GOVERNO DO ESTADO

Fonte: Arquivo do projeto

O impacto do projeto na universidade e na comunidade externa

Hoje, a Unilab é uma universidade que discute muito sobre várias temáticas: racismo, preconceito, xenofobia, dentre outras buscando quebrar certos paradigmas existentes na sociedade. Assim, o projeto fortalece as discussões já existentes, seja na sala de aula ou até mesmo fora dela. Na sala de aula, o debate é mais teórico. Assim, os discentes, através das atividades e oficinas que são desenvolvidas por meio do projeto têm a oportunidade de complementar ou até mesmo desconstruir certos olhares sobre as culturas africanas e a cultura afro-brasileira, além de os participantes aprenderem mais sobre Guiné-Bissau. Conforme destaca a bolsita do projeto, a estudante Elbin Djedjo, “o projeto Kabaz di Terra tem grande importância na valorização e difusão da cultura guineense na Unilab, de forma a preservar a memória coletiva. Além disso, o projeto é fortaleza de resistência à aculturação e globalização promovidas pelo imperialismo”.

Através da cultura, é possível concretizarmos um dos objetivos da Unilab – a integração. Por outro lado, acredita-se que o projeto é importante por apresentar uma “nova” África para a comunidade externa e buscar desconstruir esse olhar negativo e pejorativo que até hoje existe sobre o continente africano.

Quanto ao impacto na universidade, a Unilab só tem a ganhar com o projeto *Kabaz di Terra*. Primeiramente, pelo fato de o projeto atender ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) que está relacionado com às políticas de integração. Além disso, a universidade necessita de mais atividades artísticas e culturais. A Unilab possui vários talentos, em diferentes áreas, de diferentes países, e falta espaços e/ou oportunidade para que as pessoas conheçam esses talentos e essa diversidade. Por fim, mas não menos importante, o *Kabaz di Terra* ajuda a Unilab na consolidação dos seus objetivos e relações interinstitucionais. No quadro abaixo, elencamos as atividades desenvolvidas pelo projeto e o público-alvo, durante o ano de 2022/23.

Quadro 1: Atividades desenvolvidas pelo Projeto *Kabaz di Terra*

| Atividade | Ano | Local | Público atingido |
|---|------------|--|-------------------------|
| Realização do evento Tarde de Tina | 2023 | Unilab-CE | 100 |
| Apresentação de dança no show do músico internacional guineense KAPA KAPA | 2023 | Fortaleza-Ce (Comunidade externa) | - |
| Apresentação em várias atividades desenvolvidas na Unilab (Pulsar Sociologia, Projeto Clube da Inclusão e dentre outros). | 2023 | Unilab-CE | - |
| 28º Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga | 2022 | Guaramiranga- CE (Comunidade externa) | - |
| Oficina de danças Típicas da Guiné-Bissau | 2022 | Unilab-CE | 60 |
| Oficina de Língua Kriol/guineense | 2022 | Unilab-CE | 40 |
| Oficina de pratos típicos da Guiné-Bissau | 2022 | Unilab-CE | 40 |
| Apresentação de dança no Festival das Culturas da Unilab | 2022 | Unilab-CE | - |
| Apresentação de dança no Seminário de Ambientação Acadêmica – SAMBA | 2022 | Unilab-CE | - |
| Apresentação de dança na Semana Internacional de Letras – SILU da Unilab. | 2022 | Unilab-CE | - |
| Apresentação de danças em escolas públicas do Maciço de Baturité | 2022 | Redenção, Acarape, Baturité- CE (Comunidade externa) | 350 |

Fonte: Dados do projeto

Com base no quadro apresentado anteriormente, no ano 2022/23, o Projeto *Kabaz di Terra* participou em vários eventos na Unilab (Festival das Culturas, Semana Acadêmica, Acolhimento de

Novos Estudantes, Semana de Independência e demais atividades) e, na comunidade externa, o projeto atingiu aproximadamente 600 participantes, com apresentações de danças e oficinas em escolas públicas (danças, gastronomia, língua e tranças e penteados afro).

Considerações finais

A Universidade, com várias concepções, é constituída por um conjunto de faculdades e/ou escolas destinadas a promover a formação profissional e científica de pessoal de nível superior e a realizar pesquisa teórica e prática nas principais áreas do saber humanístico, tecnológico e artístico e a divulgação de seus resultados à comunidade científica mais ampla. A universidade abrange, por conseguinte, o conjunto das edificações e instalações físicas nas quais funciona. Ela é composta, para o seu funcionamento, de pessoal docente, discente e técnico-administrativos. A palavra universidade é de origem latina e remonta os séculos XII a XIV e constitui um espaço do saber que tem a função de formar os cidadãos para as diversas atividades na sociedade.

É importante destacar que a vivacidade do discurso, a leveza da oralidade, a espontaneidade do diálogo, em si mesmos, não sacrifica em nada a seriedade de nenhuma obra científica ou a sua necessária rigorosidade. Haveria quem pensasse ingenuamente que o rigor na análise só existe quando o pesquisador se fecha em quatro paredes, por trás de uma porta bem segura, fechada com enorme chave. Só aí, na intimidade silenciosa dos livros ou dos laboratórios, seria possível a seriedade científica.

Isso ocorreria com igual relevo na atividade docente como na pesquisa em que se tenta evitar qualquer dicotomia que, no fundo, prejudica a ambas, como por outro lado, nas atividades de extensão. Na verdade, se não em todas, mas em grande parte delas, se busca igualmente inovar na chamada extensão que, em lugar de se limitar a uma ida puramente assistencial da universidade a áreas populares, tornar-se-ia um meio através do qual a universidade procuraria encontrar-se nos movimentos sociais, nos grupos populares. E esse encontro estaria se dando também na intimidade da universidade mesma e não só, mas também nas áreas populares, como é o caso do projeto *Kabaz di Terra*.

Referências

- AMARAL, João Joaquim Freitas do. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza – Ceará: UFC, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Plano Nacional de Extensão Universitária. Brasília: MEC/CRUB, 1999. Documento do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras.
- CA, L. O; CA, C. M.O. Magister deixt: docência, pesquisa e extensão. Ideação. **Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde**. v. 22, nº1, 2020. e-ISSN: 1982-3010.
- CORRÊA, E. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, POLÍTICA INSTITUCIONAL E INCLUSÃO SOCIAL. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 1, n. 1, p. 12-15, 25 jul. 2003.
- FERNANDES, M.C; SILVA, L. M.S.D; MACHADO, A.L.G; MOREIRA, T.M.M. Universidade e Extensão Universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.28, n.04, p.169-194, dez. 2012.
- FOCNA, S. M.; GABARRA, L. O. e. Carnaval do Ntudururu: Diversidade cultural e identidade nacional. **Tensões Mundiais**, [S. l.], v. 15, n. 29, p. 119–142, 2020. DOI: 10.33956/tensõesmundiais.v15i29.1464. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/1464>. Acesso em: 25 set. 2022.

- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) Pesquisa social. Teoria, método criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.
- GOMES, N. L. Construindo uma ponte Brasil-África: a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). **Revista Lusófona de Educação**. 24, pp. 81-95, 2013.
- MACIEL, W. USOS DE UMA CIDADE DA LIBERDADE: estudantes africanos em Redenção. **Caderno CRH**, v. 30, n. 79, p. 189–201, jan. 2017.
- NUNES, A.L.P. F; SILVA, M. B. C. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e Sociedade** - Ano IV - n. 7 - Barbacena - julho/dezembro 2011 - p. 119-133.
- PINTO, Paula. **Tradição e modernidade na Guiné-Bissau: uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento**. Dissertação de mestrado (Mestrado em Estudos Africanos) – Faculdade de Letras, FLUP, Universidade do Porto, Porto, 2009.
- SANI, Quecoi. **Guiné-Bissau: A situação da língua portuguesa**. In. **IV Encontro em Educação Agrícola e I Fórum de debates sobre a pedagogia da alternância**, 2012, pp.1-3.
- SIA, Isna Gabriel. **Danças do povo Brasa (Balanta) da Guiné-Bissau na contemporaneidade: Kussunde, Kanta Po e Broska**. 2016. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2016.
- SILVA, António Gislailson Delfino da. **“Fidjus di Tchon na Terra di djintis”: As experiências de Integração social e académica de estudantes Bissau-guineenses do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas**. Dissertação (Mestrado em Estudos Africanos) – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, ISCSP, Universidade de Lisboa. Lisboa, p. 106. 2021.
- _____. “O Lá e o Aqui”: A presença de estudantes africanos na Unilab e suas redes de sociabilidades, integração e representatividade de cultura. **Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros**, 3 (5), 2020.
- _____. **Nha terra: Guiné-Bissau em relatos e fotografias**. Fortaleza: Expressão gráfica e Editora, 2018.
- _____. **Trajetórias de estudantes guineenses no Brasil: do processo de integração ao regresso/retorno**. Monografia (Curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab. Redenção - CE. 112 f, 2016.
- TÉ, Emílio Mário. **Processos de mudanças na manifestação carnavalesca da Guiné-Bissau (1980-2010)**. 2017. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2017.